

Ambrose Bierce

O estranho

*UM HOMEM CAMINHOU DA ESCURIDÃO para o pequeno círculo iluminado pela
nossa fogueira que se extinguia e sentou-se sobre uma pedra.*

*— Vocês não são os primeiros a explorar esta região — disse ele, solene.
Ninguém contestou sua declaração; ele próprio era a prova daquele fato,
pois não era do nosso grupo e devia estar por perto quando acampamos. E
mais, devia ter companheiros não muito longe dali; não estávamos num lugar
onde se pudesse viver ou viajar sozinho. Por mais de uma semana as únicas
coisas vivas que tínhamos visto, além de nós mesmos e de nossos animais,
foram cascavéis e sapos-boi. Num deserto do Arizona não se coexiste por
muito tempo só com criaturas como essas: é preciso ter animais de carga,
suprimentos, armas — um "enxoval". E tudo isso inclui companheiros. Foi
talvez uma dúvida quanto a que espécie de homens poderiam pertencer os
companheiros daquele rude estranho, somada a algo em suas palavras
interpretável como um desafio, que fez com que todos, em nossa meia dúzia
de "aventureiros cavalheiros", se pusessem em posição sentada e levassem a
mão a pousar sobre uma arma — atitude que significava, naquele local e hora,
uma política de expectativa. O estranho não deu ao fato qualquer atenção e
recomeçou a falar no mesmo tom estudado e monocórdio em que dissera sua
primeira frase:*

*— Há trinta anos Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent e
Berry Davis, todos de Tucson, cruzaram as montanhas de Santa Catalina
e viajaram para oeste, tanto quanto permitia a configuração da região. Estávamos
explorando e era nossa intenção, se nada encontrássemos, prosseguir*

até o rio Gila, em algum ponto próximo de Big Bend. onde acreditávamos haver um povoado. Tínhamos um bom equipamento, mas nenhum guia; só Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent e Berry Davis.

O homem repetia os nomes vagarosa e distintamente, como se para fixá-los na memória de sua platéia, da qual cada indivíduo o observava agora com atenção, mas com menos apreensão quanto a seus possíveis companheiros em algum lugar na escuridão que parecia nos encerrar como uma parede negra; nas maneiras desse historiador voluntário não havia qualquer sugestão de propósitos hostis. Sua atitude era mais a de um inofensivo lunático do que a de um inimigo. Não éramos tão novatos na região a ponto de não saber que a vida solitária da maioria dos homens da planície tende a desenvolver excentricidades de conduta e caráter nem sempre facilmente distinguíveis da aberração mental. Um homem é como uma árvore: numa floresta ao lado de seus companheiros, crescerá tão reto quanto permite sua natureza genérica e individual; sozinho na clareira, cede às deformadoras tensões e torções que o cercam. Alguns pensamentos como esse percorriam minha mente enquanto eu observava o homem da sombra do meu chapéu, enterrado para quebrar a luz do fogo. Um sujeito estúpido, sem dúvida, mas o que estaria fazendo ali no coração de um deserto?

Tendo começado a contar sua história, gostaria de poder descrever a aparência do homem; seria algo natural a fazer. Infelizmente, e de certo modo estranhamente, vejo-me incapaz de fazê-lo com algum grau de confiabilidade, porque depois do acontecido nenhum de nós concordou a respeito do que ele vestia e de que aparência tinha e quando tento definir minhas impressões elas me fogem. Qualquer um pode contar algum tipo de história, a narrativa é um dos poderes elementares da raça. Mas o talento para a descrição é um dom.

Ninguém tendo quebrado o silêncio, o visitante prosseguiu, dizendo:

— Esta região não era então o que é hoje. Não havia um só rancho entre o Gila e o Golfo. Havia um pouco de caça aqui e ali nas montanhas e, junto aos raros poços, grama suficiente para que nossos animais não morressem de fome. Se tivéssemos a sorte de não encontrar índios, conseguíamos passar. Mas numa semana o propósito da expedição mudara da busca da riqueza para a preservação da vida. Tínhamos ido longe demais para voltar, pois o que havia à frente não poderia ser pior do que

o que ficara para trás, portanto prosseguimos, cavalgando à noite para evitar os índios e o calor intolerável, e nos escondendo o melhor que podíamos durante o dia. Às vezes, tendo exaurido nossa provisão de carne de caça e esvaziado nossos barris, passávamos dias sem comida ou bebida; então um poço ou espelho-d'água no fundo de um arroio restaurava nossa força e sanidade para que fôssemos capazes de atirar em alguns dos animais selvagens que também o tinham visto. Às vezes era um urso, às vezes um antílope, um coiote, um puma, o que Deus quisesse; tudo era comida.

"Um dia, quando contornávamos uma cadeia de montanhas, em busca de uma passagem praticável, fomos atacados por um bando de apaches que seguira nossa trilha por uma ravina — não fica longe daqui. Sabendo que nos eram superiores na proporção de dez para um, não tomaram quaisquer de suas covardes precauções habituais, mas se atiraram para cima de nós a galope, atirando e gritando. Lutar estava fora de questão: impelimos nossos frágeis animais ravina acima, enquanto havia lugar para pisarem, então nos atiramos para fora das selas e nos agarramos ao chaparral de uma das encostas, abandonando ao inimigo todo o nosso equipamento. Mas conservamos nossos rifles, todos os homens — Ramon Gallegos, William Shaw. George W. Kent

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

